

FRIGOTTO, Gaudêncio. *Educação e a crise do capitalismo real*. São Paulo: Ed. Cortez, 1995.

Os socialistas estão aqui para lembrar ao mundo que em primeiro lugar devem vir as pessoas e não a produção. As pessoas não podem ser sacrificadas. Nem tipos especiais de pessoas — os espertos, os fortes, os ambiciosos, os belos, aquelas que podem um dia vir a fazer grandes coisas — nem qualquer outra. Especialmente aquelas que são apenas pessoas comuns (...) É delas que trata o socialismo; são elas que o socialismo defende. O futuro do socialismo assenta-se no fato de que continua tão necessário quanto antes, embora os argumentos a seu favor não sejam os mesmos em muitos aspectos. A sua defesa assenta-se no fato de que o capitalismo ainda cria contradições e problemas que não consegue resolver e que gera tanto a desigualdade (que pode ser atenuada através de reformas moderadas) como a desumanidade (que não pode ser atenuada).

Eric Hobsbawn

A epígrafe de Hobsbawn é apropriada para começar estas breves palavras sobre o novo livro de Gaudêncio Frigotto. Não apenas porque o historiador inglês constitui uma das referências permanentes (tácitas ou explícitas) desta obra, mas também porque o seu conteúdo resume três das principais razões que orientam a estimulante reflexão teórica aqui proposta pelo autor do presente volume. Primeiramente, a necessidade de pensar as condições históricas que dão origem à profunda crise que atravessa hoje o

capitalismo real, ultrapassando as visões apologéticas e apocalípticas. Em segundo lugar, a opção por realizar essa tarefa partindo de uma reflexão rigorosamente crítica desde a perspectiva do materialismo histórico; um materialismo histórico renovado e capaz de se reformular, ele próprio, à luz do colapso do socialismo soviético e da queda dos regimes comunistas da Europa Oriental. Por último, embora certamente não menos importante, o livro de Frigotto propõe um enorme desafio ético: pensar e compreender

a crise do capitalismo desde um renovado enfoque socialista, como forma de contribuir para a construção de uma sociedade democrática e radicalmente igualitária, fundamentada nos direitos, e que respeite as diferenças, a diversidade; uma sociedade — segundo Hobsbawm — de pessoas comuns, das maiorias, justamente aquelas condenadas pelo mercado a mais absoluta miséria.

Este livro, de alguma forma, é a continuação mais eloqüente de *A produtividade da escola improdutiva*, texto que ainda hoje continua sendo de consulta obrigatória para aqueles que desenvolvem pesquisas na área de Educação e Trabalho. Essa linha de continuidade entre duas obras separadas por uma década constitui, ao mesmo tempo, um dado alentador e trágico. Alentador, porque Frigotto continua discutindo de forma clara e decidida os enfoques economicistas que reduzem a educação a um mero fator de produção, a "capital humano". Trágico, porque ainda hoje esta última perspectiva continua se expandindo com novas roupagens, com inéditas e sedutoras máscaras que convencem, inclusive, muitos inte-

lectuais que as combatiam no passado. Tal continuidade entre ambos os trabalhos não deve nos fazer pensar que, em seu novo livro, Frigotto limita-se a denunciar que "o velho" ainda não morreu e que "o novo" é apenas uma armadilha que encobre um *status quo* imune ao passar do tempo. Justamente um dos valores mais destacados deste trabalho reside em que o autor pretende discutir a racionalidade (ou irracionalidade) que encerra os enfoques do neocapital humano no atual contexto de profundas mudanças vividas pelas sociedades de classe neste fim de século. A especificidade da crise estrutural que atravessa hoje o *capitalismo real* é o marco no qual cobram materialidade as perspectivas discutidas por Gaudêncio neste novo livro.

De fato, o contexto mais amplo da reestruturação capitalista contemporânea nos planos político, econômico, jurídico e educacional funciona como um enquadramento iniludível para avançar tanto na crítica teórica aos enfoques apolo-géticos da sociedade pós-industrial, quanto para recusar as saídas individualistas e místicas que acabam defendendo os intelectuais

apocalípticos. *A Educação e a crise do capitalismo real* é um livro para ser lido à luz da atual hegemonia dos regimes neoliberais e neoconservadores (tanto na América Latina quanto num número nada desprezível dos países do Primeiro Mundo), e reconhecendo as novas condições materiais e culturais criadas a partir da crise do regime de acumulação fordista, de seus estados de bem-estar e da própria reorganização (ou desorganização) da classe operária que é derivada de tal processo.

E aqui cobra sentido a dupla tarefa crítica à qual se propõe Frigotto.

Em primeiro lugar, discutir as novas concepções do "capital humano" que se respaldam na suposta legitimidade das teses do fim da história e das ideologias, segundo as quais (e afortunadamente) o mundo é e será para sempre capitalista. A recusa de tais perspectivas conduz o autor a discutir a validade das posições que as caracterizam no plano educacional. Frigotto analisa assim três categorias básicas no discurso neoliberal dos *homens de negócio*, dos organismos internacionais, das bu-

rocracias governamentais conservadoras e dos intelectuais reconvertidos: "sociedade do conhecimento", "educação para a competitividade" e "formação abstrata e polivalente".

Em segundo lugar, realiza uma crítica não menos radical aos enfoques defendidos por três autores que, desde óticas não convergentes e diferenciados ainda da trivialidade que caracteriza os admiradores do capitalismo pós-industrial, "acabam silenciando ou eliminando os grupos ou classes sociais fundamentais e os movimentos com eles articulados como sujeitos da história (o qual os conduz), ironicamente, a reforçar a tese do fim da história": Adam Schaff, Claus Offe e Robert Kurz.

No contexto de um capitalismo transformado, e não por isso mesmo excludente e discriminador, Frigotto desenvolve uma minuciosa análise marxista da educação. Enfoque marxista que, à medida que é aplicado a si próprio, se reformula e se enriquece. Logo, de certa forma, este livro difere da citada obra *A produtividade da escola improdutiva*. O leitor encontrará aqui novos conceitos, novos percursos teó-

ricos, novas perguntas e, também, certamente, novas respostas a velhas perguntas.

Por último, este livro possui um inestimável valor político. Ele contribui com um conjunto de idéias relevantes no campo da ação política e, ao mesmo tempo, está inspirado na necessidade de aprofundar, defender e ampliar as experiências democráticas de resistência e oposição ao programa de ajuste neoliberal existentes em nosso país. No plano educacional, as reflexões de Frigotto inserem-se e inspiram-se numa multiplicidade de experiências alternativas de gestão que foram (e estão sendo) desenvolvidas no Brasil por administrações populares: em Porto Alegre, Belo

Horizonte, Angra dos Reis e muitas outras, que constituem hoje um modelo de gestão eficiente e democrática de uma política educacional pública e de qualidade. Tais experiências inspiram o autor deste livro e são uma referência tácita ao longo de todos os capítulos que compõem o presente volume.

O novo livro de Gaudêncio ajuda-nos a pensar que é possível *renascer das cinzas*, que é possível e necessário lutar por um mundo mais justo e igualitário. Simplesmente, porque a história ainda não terminou.

Pablo Gentili
Universidade Federal Fluminense
(UFF)